



## **A CASA DOS ESPÍRITOS: LITERATURA E CINEMA - PERSONAGENS FEMININAS, NO ÂMBITO DA ANÁLISE COMPARADA**

CONTRI, Andréia Mainardi<sup>1</sup>; ALVES, Carla Rosane da Silva Tavares<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo traz uma síntese da pesquisa científica desenvolvida que buscou analisar a construção dos personagens femininos no decorrer do livro “A casa dos espíritos” de Isabel Allende, comparando com a seção cinematográfica desenvolvida por Bille August. A partir da revisão de literatura, apresenta-se uma análise sobre o posicionamento social e cultural das mulheres na época e suas adaptações entre o texto literário e a película cinematográfica. Evidenciando questões que visam a contribuir com inovações de estudos no campo da linguagem, considerando o contexto social e cultural que se apresenta nas obras literárias.

**Resumen:** Este artículo proporciona una visión general de la investigación científica desarrollada que busca analizar la construcción de los personajes femeninos en todo el libro "La casa de los espíritus" de Isabel Allende, en comparación con la sección de cine desarrollada por Bille August. A partir de la revisión de la literatura, se presenta un análisis de la situación social y cultural de las mujeres en el momento y sus adaptaciones del texto y de imágenes en movimiento película literaria. Destacando cuestiones destinadas a contribuir a los estudios de las innovaciones en el campo del lenguaje, teniendo en cuenta el contexto social y cultural, que aparece en las obras literarias.

**Palavras-chave:** Linguagem. Literatura. Gênero. Cinema

**Palabras-clave:** Language. Literatura. Genero. Cine.

### **INTRODUÇÃO**

Este artigo discute as considerações finais realizadas na pesquisa científica PIBIC-CNPq-UNICRUZ, intitulada “A construção do feminino: o olhar nas gerações da Casa dos espíritos”. Inserindo-se na temática de inovação, da vigésima edição do Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão, da UNICRUZ, o presente trabalho busca contribuir com as reflexões literárias e cinematográficas, no campo social e cultural,

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Letras – Português/Espanhol, 8º semestre, da Universidade de Cruz Alta - UNICRUZ. Bolsista PIBIC-CNPq. Membro discente do GEPELC – Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Linguagens e Comunicação, da UNICRUZ ao qual está vinculado o trabalho. E-mail: [deiamainardi@bol.com.br](mailto:deiamainardi@bol.com.br)

<sup>2</sup> Doutora em Estudos Literários – Literatura Comparada (UFRGS). Professora e Coordenadora do Curso de Letras, da Universidade de Cruz Alta-UNICRUZ. Coordenadora e pesquisadora do GEPELC. Coordenadora do Projeto PIBIC-CNPq. E-mail: [ctavares@unicruz.edu.br](mailto:ctavares@unicruz.edu.br)



abordando novas formas de representação no campo dos estudos comparados. Para tanto, os estudos partiram da análise das tessituras literária e cinematográfica, enquanto mecanismo de investigação das questões de gênero e representação feminina.

A pesquisa mostrou a articulação de conhecimentos da literatura e da cinematografia com o propósito de contribuir com os estudos de gênero e representação feminina, que se tornam visíveis pela linguagem. Com isso procurou-se verificar questões relativas à identidade feminina e seu percurso, através das gerações apresentadas no contexto literário de *A casa dos espíritos* (1982), de autoria de Isabel Allende, bem como o cotejo comparativo com a versão para o cinema.

Trata-se de um romance latino-americano intitulado, originalmente, como *La Casa de Los Espiritus* e recorre à estratégia literária do realismo mágico, surgida no início do século XX. Também é conhecido por realismo fantástico, ou realismo maravilhoso, principalmente em espanhol.

No contexto histórico, o realismo mágico surgiu em um dos períodos mais conturbados da América Latina, época entre as décadas de 60 e 70, quando os países latino-americanos passavam por processos ditatoriais. Desta forma, o realismo mágico surge como uma forma de reação, utilizando o elemento mágico como reforço das palavras contrárias aos regimes dos ditadores. Outro aspecto que influenciou o realismo mágico foi a discrepância entre cultura da tecnologia e cultura da superstição que havia na América Latina, naquele período.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa científica classifica-se como qualitativa, de cunho bibliográfico, apresentando-se como contribuição aos estudos e reflexões acerca da literatura, cinematografia e sociedade, ou seja, como espaço para discussão das questões socioculturais em ambas as artes. Como público-alvo pode se destacar todos os profissionais que atuam na área das ciências sociais e humanas e buscam inovar seus conhecimentos.

## **RESULTADOS**

Antes de se iniciar uma discussão sobre a constituição do feminino, na literatura, é preciso atentar para o fato de que as questões de gênero são, antes de mais nada, “[...] ato político, pois remete às relações de poder inscritas nas práticas sociais e discursivas de uma cultura que se imaginou e se construiu a partir do ponto de vista normativo masculino”



(SCHMIDT, 1997, p. 185). E não é por acaso que até hoje a desigualdade entre os gêneros masculino e feminino ainda persistem em nossa sociedade.

Na literatura latino-americana, observam-se as publicações de mulheres escritoras, somente a partir da década de 1980. As publicações geralmente passam a propagar a voz e o olhar femininos sobre os fatos locais e, eventos históricos importantes, sempre marcados por lutas, visto que a conquista de um espaço feminino sempre veio a contrariar a ideia de “[...] negação da legitimidade cultural da mulher como sujeito do discurso, exercendo funções de significação e representação” (SCHMIDT, 1997, p. 183). Alves (2015) apud Diniz (2009) traz um recorte para exemplificar as condições de vida do gênero feminino no contexto literário:

A linguagem tem o poder de criar a realidade social através dos atos de elocução dos sujeitos falantes. É como se existissem dois planos de realidade: o sexo pertencente a uma realidade discursivamente construída, e essa realidade discursiva emerge de uma ontologia pré-social que explica a constituição do discurso. O direito de fala plena é, entretanto, conferido aos homens e negado às mulheres, como se eles tivessem nascido com a faculdade do universal, e a mulher tivesse nascido condenada ao particular (ALVES, 2015 apud DINIZ, 2009, p.13).

Embora extraliterário, percebe-se a importância do papel feminino na educação de Isabel Allende, autora do romance analisado, enquanto cidadã, e é o papel feminino que se eleva na composição de suas personagens em *A casa dos espíritos*, em contraposição ao espaço do silêncio deixado pelo homem. Personagens, como Clara e Alba, respectivamente, esposa e neta do latifundiário e senador Esteban Trueba, ocupam importante espaço na narrativa, seja pela clarividência da primeira, seja pela posição socialista da segunda, que a coloca em oposição ao patriarca da família, cujo machismo e prepotência são marcas fortes de seu comportamento.

A experiência pessoal de Allende sobre o golpe militar é um exemplo brilhante e emocionante, refletindo a dor de toda uma geração de mulheres chilenas. É o feminismo lírico que torna o romance *A casa dos espíritos* excepcional, prestando tributo à mulher chilena, em particular e, a todas as mulheres do mundo, em geral. Torna-se, assim, uma espécie de homenagem às mulheres e aos movimentos feministas, uma vez que as atitudes das personagens não estavam adequadas ao comportamento feminino impostos pela sociedade da época, mas sim pelo interesse do sistema patriarcal. Permitia-se ao homem o domínio da figura feminina, sendo esta manipulada em mãos masculinas e servindo como um objeto de seus desejos.



Livro e película cinematográfica em estudo narram a saga da família Trueba. Seu personagem masculino principal é Esteban Trueba, que convive com mulheres dotadas de clarividência, como Clara, e Alba, uma socialista, com visão de mundo contrária ao patriarca discurso.

Com a figura de Clara, a voz narrativa mostra a composição de uma mulher religiosa, que registrava pela escrita os acontecimentos da vida e com dotes de clarividência, bem como preocupada com a educação do povo de Las Tres Marías:

Desde o primeiro dia, Clara compreendeu que havia lugar para ela em Las Tres Marías e, como, aliás, registrou em seus cadernos de anotar a vida, sentiu que afinal havia encontrado sua missão no mundo. [...] Clara dividia seu tempo entre a oficina de costura, a venda e a escola, onde montou seu quartel-general para aplicar remédios contra a sarna e parafina contra os piolhos, desentranhar os mistérios da cartilha, ensinar as crianças a cantar tenho uma vaca leiteira, não é uma vaca qualquer, e ensinar as mulheres a ferver o leite, curar diarréia [*sic*] e alvejar a roupa (ALLENDE, 2004, p. 116).

Em meio às orientações de Clara às mulheres dos peões da fazenda, é possível acompanhar, pelo olhar do narrador, o pensamento limitado daquelas mulheres que não se enxergavam como seres humanos com uma função social e um papel que não fosse servir a seus maridos, que aceitavam a violência do homem contra elas próprias como uma espécie de direito masculino, entendendo, também, que quando o homem não batia na mulher significava ou falta de afeto ou, então, que era afeminado. Trata-se, pois, da reprodução, pela mulher, de um comportamento machista, que compreende o homem como senhor e dono da esposa. A passagem abaixo dá conta dessa visão:

As mulheres escutavam-na, em meio a risinhos e pudores, pela mesma razão por que rezavam com Férula: não desagradar a patroa, ainda que aquelas frases inflamadas lhes parecessem histórias de loucos: “Onde já se viu um homem não poder bater na própria mulher, se não bater é porque não gosta dela ou porque não é homem de verdade; onde já se viu que o que o homem ganha ou o que a terra produz, ou as galinhas põem sejam dos dois, se quem manda é ele? Onde já se viu uma mulher poder fazer as mesmas coisas que um homem, se ela nasceu com mamas e sem colhões, dona Clarita?”, argumentavam. Clara desesperava-se (ALLENDE, 2004, p. 117).

Isabel Allende, através do narrador, apresenta em seu romance uma ampla visão sobre a história chilena do século XX, mas, mais que o momento histórico, ela coloca em cheque o poder da figura feminina e sua importância, marcando toda a narrativa com acontecimentos que retratam mulheres fortes que lutam pelo que acreditam.



As personagens femininas, especialmente, Clara, Blanca e Alba, embora limitadas, muitas vezes, pela ação do homem, apresentam uma composição vigorosa, em contraste com a figura masculina, dado a força que expressam essas mulheres, em seu meio, bem como pela própria personalidade de cada uma, ou ainda pela intensidade das vivências frente a uma realidade árida.

Criticadas e pouco valorizadas por uma sociedade conservadora, as personagens representam algo mais que feminismo, representam a luta da mulher e da sociedade contra a prepotência tipicamente masculina, observada pela sociedade a que pertenciam.

O recorte abaixo ilustra, pela instância do narrador, o comportamento de Estaban Trueba, que tipifica, acentuadamente, todo autoritarismo machista da época:

Esteban gritava, enlouquecido, andando pela sala em largas passadas, esmurrando os móveis e argumentando que, se Clara pensava seguir os passos de sua mãe, podia esperar encontrar um macho firme, que lhe arriaria as calcinhas e lhe daria umas boas chicotadas para encerrar de vez a maldita mania de arengar às pessoas, e proibindo terminantemente as reuniões de oração ou de qualquer outra coisa e afirmando que ele não era nenhum babaca que sua mulher pudesse ridicularizar (ALLENDE, 2004, 117).

O objetivo do estudo é também analisar, pelo filtro da cinematografia (*A casa dos espíritos* – 1994, dirigida por Bille August), como se apresentam as personagens, por meio de uma linguagem diferente da literária, mas que retrata parte da obra literária. Observando alguns aspectos da cinematografia, como a incidência da luz/penumbra/foco, planos de apresentação das personagens; som/melodia e imagem, como forma de evidenciar ou não a construção da figura feminina, passa-se a fazer algumas reflexões.

Primeiramente, é importante ressaltar as diferenças na linguagem e nas cenas entre o filme e o livro. No filme, as palavras usadas pelos personagens são abrandadas. Sem uso de palavrões, as ironias, o altruísmo transcende até mesmo no caso de Esteban Garcia, que faz coisas com naturalidade, as quais são terrivelmente narradas no livro, como em uma das cenas de estupro e tortura de Alba.

No filme, a personagem em cena é Blanca e não Alba, sua filha, como retrata o romance. As imagens grotescas idealizadas pelo leitor são suavizadas na película, deixando subentendidas a continuidade e a culminância dos fatos. No livro, Alba é a heroína que defende ideais socialistas e sofre por isso, em função do contexto histórico retratado literariamente, bem como pela fidelidade amorosa por Miguel.

Esta situação apresentada difere no cinema: a história só é contada até os sete anos de Alba, Miguel não aparece entre as personagens e quem sofre todo o tipo de assédio e tortura é



Blanca, e a expectativa quanto ao desfecho amoroso se dá entre Blanca e Pedro Terceiro, não entre Miguel e Alba, como no filme. Outra distinção que se pode perceber, no enfoque idealista, é quanto ao conformismo de Blanca em relação ao casamento com Jean, partido arranjado por seu pai, aceito por ela, no romance, mas não no filme, que a coloca como heroína, fiel ao seu amor por Pedro Terceiro, seguindo sua vida sem se casar por interesse e como mãe solteira. Essa postura sempre fora apoiada por Clara, na visão espiritualista do filme.

O diretor utilizou uma série de recursos cinematográficos para enfatizar as características das personagens, como: figurino, comportamento, sexualidade e espiritualidade.

Quanto à caracterização física, opta-se, aqui, por analisar o figurino e os modos de comportamento das personagens. Conclui-se que o diretor usa o contraste claro e escuro e o próprio modelo das roupas e os bons ou maus modos de comportamento em âmbito social, não somente para expor as diferenças entre as personalidades de Clara e Férula, mas também para exemplificar seus níveis de espiritualidade e a maneira que vivem em uma sociedade patriarcal e de opressão feminina. São, assim, exemplos dessas duas categorias de análise e do contraste de ambas, tanto na maneira de vestir-se, como de comportar-se.

Com relação à espiritualidade, são os acontecimentos sobrenaturais que evidenciam o grau e modo com que Clara vive sua fé. Para ilustrar tais acontecimentos, o uso do realismo mágico que torna o inacreditável em crível, é mais explorada na obra literária do que na obra cinematográfica. No que diz respeito à Férula, sua fé é sistematizada, ou seja, ela só cumpre os preceitos oficiais da Igreja Católica, sem deixar que isso abrande a amargura de sua alma. O livro e o filme revelam sua composição sombria, sendo mais acentuada no romance.

O tópico vivência x repressão da sexualidade serve como um reflexo da visão das personagens analisadas em relação ao seu papel na sociedade, ou seja, Clara vive sua sexualidade sem pudores e livremente com Esteban, refletindo a sua liberdade em uma sociedade machista e opressora. Férula, ao contrário, sendo solteira, reprime seus desejos sexuais, rotulando-os como impureza e pecado, extensão da maneira contida e conformada, ao menos para aqueles que a rodeiam, com os valores sociais de seu tempo, em que não cabia à mulher sentir prazer, mas somente satisfazer seu esposo.

Dado a sua tessitura e peculiaridades, há uma síntese da obra literária e dos próprios personagens, na versão cinematográfica. Além disso, há liberdade na própria composição do filme, que não precisa, obrigatoriamente, seguir a obra, podendo haver recriação no roteiro cinematográfico. Assim, em *A casa dos espíritos*, por exemplo, quem é presa e torturada é



Alba e não a mãe Blanca, como no filme. Também se observa que o romance explora e destaca mais a força das mulheres das várias gerações: Blanca e Alba se dedicaram à ação política por convicção e não apenas por amor aos seus respectivos parceiros, Clara não se conformava com as atitudes machistas do marido e as injustiças praticadas por ele contra os camponeses. Nívea, avó de Blanca, — primeira feminista do país — lutava pelo voto das mulheres.

O romance possibilita ao leitor acompanhar melhor o resgate da força da mulher, ao passo que o filme, por meio da imagem, mostra o vestuário da época, contrastando os tons escuros e claros, além dos próprios modelos das roupas e os bons ou maus modos de comportamento em âmbito social, não somente para expor as diferenças entre as personalidades de Férula e Clara, mas também para exemplificar seus níveis de espiritualidade e a maneira que vivem em uma sociedade patriarcal e de opressão feminina. Assim, são exemplos dessas duas categorias de análise e do contraste de ambas as personagens, tanto na maneira de vestir-se, como de comportar-se.

Romance e filme, respeitadas as suas diferenças, em termos de tessitura, cumprem com um propósito de mostrar o contraste da atuação masculina e feminina, em uma época em que o homem, através da figura de Esteban Trueba, é valorizado exatamente pela sua atuação autoritária e machista, enquanto que a mulher, por meio de personagens como Nívea, Clara, Blanca e Alba, representam a luta pela liberdade feminina.

## **CONCLUSÃO**

Os estudos realizados deram continuidade à investigação sobre literatura e cinema já empreendida pela coordenadora da pesquisa, aprofundando as reflexões e estudos, no eixo dos estudos comparados. É necessário destacar que a pesquisa traz indicadores sociais e culturais, apresentando uma contribuição científica de interesse, não só da área de Letras, mas de outras áreas nas quais a linguagem ocupa espaço de relevo, já que trata de uma questão identitária da luta pelas mulheres, na busca pelo seu espaço e valorização no contexto social, no qual está inserida.

Foi possível constatar que a película cinematográfica não faz um enfoque tão marcante na construção das personagens femininas, quanto é demonstrado no romance. A luta pela valorização das mulheres que se verifica, no livro, é em parte substituída pela figura masculina, no filme, pois o personagem Esteban é quem rouba a cena, como coloca a crítica, de um modo geral.



Dessa forma, percebe-se que a figura feminina que há muitos anos vem lutando pelo seu espaço e valorização, está aos poucos avançando, mas ainda estamos diante de uma sociedade predominantemente machista. Embora haja, na atualidade, mulheres de destaque nos diversos campos do conhecimento, da cultura e da política, em termos de gênero, as mulheres ainda estão em um cenário com salários inferiores, em empregos submissos e com pouca valorização. Com isso, pode-se perceber em qualquer cenário, como acontece na película cinematográfica, na opção do diretor em acentuar a figura masculina, em vez de acordar as questões sociais de luta feminina que estão presentes, no romance de Isabel Allende.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Carla Rosane da Silva Tavares; CONTRI, Andréia Mainardi; CAMARGO, Maria Aparecida Santana. **Literatura & Cinema: a perspectiva do feminino.** Revista Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão, Cruz Alta V. 02 nº 1, 2014. Disponível em: <<http://revistaeletronica.unicruz.edu.br/index.php/eletronica/article/view/1737>> acesso em: 02 maio 2015.

ALLENDE, Isabel. **A casa dos espíritos.** (1982). (Tradução de Carlos Martins Pereira). Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2004.

AUGUST, Bille. **A casa dos espíritos.** [Filme-vídeo]. Produção de Bille August. Estados Unidos, Costa do Castelo Filmes, 1993, 1 cassete VHS, 140min. color. Sony.

CONTRI, Andréia Mainardi & ALVES, Carla Rosane da Silva Tavares. **Literatura, cinema e práticas socioculturais.** In: XVI SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO NO MERCOSUL, 1, 2014 Cruz Alta. Anais. Cruz Alta: UNICRUZ. Disponível em: <<http://unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2014/DIREITO%20C0%20OPINI%C3%20E%20C0%20EXPRESS%C3%20ARTIGO/artigo%20Literatura,%20cinema%20e%20pr%E1ticas%20socioculturais>>. Acesso em: 01 maio 2015.

DINIZ, Ana Maria. **A catalisação do feminino no universo da ficção e da memória em Gabriel García Márquez.** (Tese de Doutorado), Porto Alegre: UFRGS, 2009.

SCHIMIDT, Rita Terezinha. (Org.). **Mulheres e literatura (trans)formando identidades.** Porto Alegre: Palotti, 1997.